

EPÍSTOLAS DE UMA DESPEDIDA: O DESFECHO TRÁGICO DE WERTHER

Clélio Souza de Melo¹**RESUMO**

Este trabalho analisa a composição narrativa do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, com o objetivo de demonstrar a realização do efeito trágico na obra. Como embasamento teórico, é utilizado o *Ensaio sobre o trágico*, de Peter Szondi, especificamente o trecho correspondente à concepção do trágico formulada pelo próprio Goethe. Neste estudo é demonstrada a estruturação da obra em duas camadas, e a função-chave do editor fictício do romance, que garante ao protagonista o papel de herói trágico.

Palavras-chave: Herói trágico, editor ficcional, romance epistolar, *Sturm und Drang*.

1 O ROMANCE

Na Europa de meados do século XVIII, como resposta ao racionalismo iluminista e ao classicismo francês, que norteavam as noções de arte da época, surge na Alemanha um movimento que viria a ser considerado o precursor do romantismo. Batizado como *Sturm und Drang* (“Tempestade e Ímpeto”), após uma peça homônima do autor alemão [Friedrich Maximilian Klingler](#)², valorizava uma estética das emoções, do misticismo, do entusiasmo e da subjetividade. Entre as décadas de 1760 e 1780, nomes como Friedrich Schiller, Johann Herders, Jakob Lenz, Heinrich Wagner e Johann Wolfgang von Goethe se opuseram à obsessão racionalista que se verificava em todo o ocidente.

Dentre as inúmeras obras geradas por este movimento, destaca-se uma de Goethe (1749-1832) *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicada primeiramente em 1774. Romance epistolar³, narra a trajetória de um jovem burguês que, incapaz de se

¹ Graduando em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG. E-mail: souzademelo@ufmg.br

² A peça “*Sturm und Drang*”, publicada em 1776, tematizava a revolução americana.

³ Técnica muito comum na Europa durante o século XVIII e XIX, consiste em estruturar o romance através de cartas.

enquadrar nos parâmetros de uma sociedade artificial e hipócrita, decide se isolar em uma vila e lá conhece Charlotte, o amor de sua vida.

A obra se espalhou rapidamente pela Europa, influenciando jovens e criando seguidores. Os mais fervorosos – um número considerável – repetiram não só os ideais do protagonista, mas também o seu destino trágico. A onda de suicídios relacionados ao romance resultou na sua proibição em alguns países e na adição de uma nota⁴ ao leitor nas primeiras páginas da segunda e definitiva versão feita em 1787.

Essa recepção polêmica e impactante já seria o primeiro indício da importância que o romance de Goethe alcançaria ao longo do tempo. A burguesia, que estava em contínua ascensão naquele período, encontrou suas temáticas e seus ideais bem representados na figura do protagonista; um sujeito singular, passional, irreverente e dotado de uma sensibilidade única, que encontra alento no contato direto com a natureza, aqui expressa como materialização do divino, da beleza ideal⁵.

Muitas das temáticas recorrentes do movimento romântico se estabelecem a partir da obra, como a idealização da mulher amada, a vitória das emoções sobre a razão, a crítica à artificialidade das relações sociais, a relação entre arte e natureza e, principalmente, o inevitável e trágico destino do protagonista. Neste artigo, pretendo demonstrar como a obra se compõe de modo a alcançar sua profundidade temática e seu efeito trágico.

⁴ “Reuni tudo o que me foi possível encontrar sobre a história do pobre Werther, e aqui lhes apresento o resultado dessas buscas, certo de que me agradecerão por isso. Não poderão deixar de admirar seu espírito e caráter, derramando lágrimas por seu triste destino.

E você, boa alma, que sofre as mesmas amarguras que ele, console-se com seus sofrimentos, e que este pequeno livro lhe seja um amigo, caso não possa encontrar, por força do destino ou por sua própria culpa, alguém próximo que alivie sua aflição.” (GOETHE, 2010, p. 9)

⁵ Já durante o *Sturm und Drang* é possível perceber um dos ideais mais fortes do romantismo, a saber: a idealização da natureza como a expressão máxima do divino e da espontaneidade criativa. Não mais como os clássicos – que almejavam imitar os *produtos* da natureza com exatidão e fidelidade – os artistas românticos percebiam a natureza como um princípio produtor, ao qual a arte deve se igualar também como processo criativo espontâneo. Cf. *A crise romântica* (Tzvetan TODOROV)

2 O EDITOR FICCIONAL E O CONFLITO IRREMEDIÁVEL

Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, acompanhamos a história do protagonista desde a sua partida da cidade para o campo até o momento de sua morte. Tudo é narrado a partir das cartas que Werther escreveu durante este período, as quais, após seu suicídio, foram reunidas e organizadas por alguém de modo a compor a obra. Sobre este editor do romance, nada se sabe; vemos apenas os resultados de seu trabalho: pequenas notas em algumas cartas, a omissão de alguns nomes importantes e a Nota ao Leitor, trecho do livro onde nos são narradas as últimas ações de Werther. Na primeira página do romance, há uma apresentação feita pelo editor:

Resumi tudo o que me foi possível encontrar sobre a história do pobre Werther, e aqui lhes apresento o resultado dessas buscas, certo que me agradecerão por isso. Não poderão deixar de admirar seu espírito e caráter, derramando lágrimas por seu triste destino. (GOETHE, 2010, p. 9)

Uma narração em primeira pessoa nos transporta diretamente ao ponto de vista do protagonista, o que conquista, logo de início, a identificação do leitor. Mas o artifício narrativo que, de fato, garante a máxima proximidade deste leitor e alcança a intensidade do efeito de real da obra é a narração epistolar. Não apenas por ser o próprio protagonista a narrar o que acontece, através de suas cartas, mas por fazê-lo sem ter consciência alguma de ser narrador.

Podemos observar a composição da obra em duas camadas ou esferas narrativas. Na esfera mais interna, se encontram as correspondências de Werther. Suas cartas demonstram de maneira intensa seu estado emocional ao leitor, devido ao seu conteúdo extremamente lírico e subjetivo. A distância temporal entre os fatos narrados e o momento em que as cartas são redigidas é a mínima possível. Antes de qualquer espécie de reflexão ou tentativa de racionalização, o protagonista imprime ao papel suas sensações, pensamentos e sentimentos tais quais os tem exatamente naquele momento. Diante disto, a imersão do leitor é imediata.

No entanto, tais correspondências são organizadas pelo editor fictício que, por vezes adicionando notas e omitindo nomes, monta as cartas como um romance e garante o efeito trágico da obra. É dele a decisão de apresentar-nos apenas as cartas redigidas por Werther, privilegiando seu ponto de vista, e de ordená-las segundo sua cronologia. Somente através da organização do editor Werther passa a desempenhar o papel de narrador do romance.

Portanto, se na esfera interna estão as epístolas, que garantem ao leitor o contato direto com as emoções do personagem, na esfera externa está o editor, que é o responsável pela conexão entre uma carta e outra e, ao fim do livro, por preencher as lacunas de enredo antes do suicídio do protagonista.

O livro é dividido cronologicamente em duas partes. A primeira dá início à sequência de cartas escritas entre 4 de maio de 1771, dia em que Werther deixa sua cidade para viver no campo, e o dia 10 de setembro. Durante este período, ele se encanta com o lugarejo chamado Wahlheim e elogia a simplicidade de seus moradores. A seguir conhece Lotte, filha do magistrado do príncipe, por quem se impressiona de imediato mesmo sabendo que está noiva.

Neste primeiro momento, Werther exhibe sua relação íntima com a paisagem bucólica de Wahlheim. Em sintonia com a natureza, ele experimenta imensa felicidade e suas cartas demonstram sua entrega diante da torrente de emoções, o que evidencia seu gênio extremamente romântico.

Uma serenidade maravilhosa apoderou-se de todo o meu ser, semelhante às doces manhãs de primavera que venho saboreando intensamente. Estou sozinho, e felicito-me por viver neste lugar, feito para almas como a minha. [...] o vale gracioso exala em torno de mim uma névoa repleta de fragrâncias, o sol do meio-dia repousa no obscuro inviolável da floresta, e somente alguns raios esparsos penetram o interior do santuário [...] (GOETHE, 2010, p. 14-15)

Após conhecer Lotte, a felicidade do protagonista alcança a plenitude e se intensifica à medida que a convivência os aproxima. Novamente, o lirismo das cartas desempenha um papel fundamental para que o leitor mergulhe nos sentimentos de Werther.

Conheci alguém que me tocou profundamente o coração. Eu... eu... nem sei como dizer.

Será difícil relatar-lhe, de maneira ordenada, como acabei conhecendo a pessoa mais amável deste mundo.[...] Um anjo! Ora! Todos dizem o mesmo da amada, não é verdade? E, contudo, não estou em condições de dizer-lhe como é perfeita, porque é perfeita: em resumo, cativou-me todo o ser. [...]Em outro dia... não, em outro dia, não, quero contar-lhe agora mesmo. (GOETHE, 2010, p. 27)

Com efeito, enquanto o leitor se prende à subjetividade da narrativa arquitetada pelo editor, Werther se perde em seus impulsos e sentimentos amorosos, tendo cada vez menos controle sobre seus atos. Os dias passam e Werther se torna cada vez mais imerso em sua própria trama, o que se agrava com o retorno do noivo de Lotte à cidade. A alegria do convívio diário com sua amada começa a se diluir, e o ato de corresponder-se com Wilhelm adquire maior importância. Como não pode realizar seus desejos mais profundos, escrevê-los passa a ser a forma mais próxima de concretizá-los. Isto é claramente observado pela exaltação em suas cartas.

Não, não estou enganado. Leio em seus olhos negros um verdadeiro interesse por mim, por meu destino. Sinto, e quanto a isso ousa acreditar em meu coração, que ela... Oh! poderia, conseguiria exprimir nestas palavras a felicidade celeste?.. Sinto que ela me ama! [...] Não receio ser sobrepujado por nenhum homem no coração de Lotte. E, contudo, quando ela fala do noivo com tanto calor, com tanto amor, sinto-me como alguém despojado de todos os títulos e honrarias e que, além de tudo, foi destituído de sua própria espada. (GOETHE, 2010, p. 50-51)

Mas a escrita não basta. Seus sentimentos irrompem de maneira tão aguda que é impossível traduzi-los com palavras. Por várias vezes Werther demonstra esta impossibilidade; seja a felicidade ou a angústia, os sentimentos puros e intensos são inefáveis.

Cada vez mais sufocado pela irrealidade de seus desejos, o jovem apaixonado decide partir de Wahlheim para trabalhar na cidade em um cargo público, encerrando a primeira parte do livro.

Na segunda parte se dá o estabelecimento definitivo de Werther como um personagem trágico. Entre 20 de outubro de 1771 e 24 de março de 1772, vemos a tentativa frustrada de Werther em se enquadrar na sociedade e esquecer Lotte. O personagem chega até, por um curto prazo, a aproximar-se de uma senhorita que, apesar de assemelhar-se com Lotte em alguns aspectos, nada se compara a seu ideal amoroso. Evidencia-se aqui a tamanha dissonância do protagonista com a realidade artificial e burocrática da cidade, que tem como seu ápice a ocasião em que é expulso da casa do “Conde C...”. Durante este período vemos a descrição do cotidiano tão odiado pelo personagem, como por exemplo, neste trecho:

Que gente é essa, criaturas cujas almas são absorvidas pelas formalidades; cujos interesses e esforços, durante anos inteiros, estão exclusivamente voltados em tentar conseguir a cadeira mais próxima da cabeceira da mesa de recepção! Não que lhes falte o que fazer: até, pelo contrário, os trabalhos se acumulam, porque as pequenas trocas de farpas, nas lutas por promoções, acabam dificultando a realização de negócios importantes. (GOETHE, 2010, p. 86)

Não tarda para que Werther desista do cargo e procure outras opções de superação para seu sonho inalcançável. Vive por um tempo com um príncipe (cujo nome foi suprimido pelo editor), mas após a constatação do tédio, parte em viagem novamente. Desta vez para sua cidade natal, onde revive memórias de infância que sempre lhe garantiram tranquilidade. Entretanto, nada é capaz de amenizar sua angústia, nem mesmo as ingênuas memórias da infância. Sua essência, sempre espontânea e pura, está agora maculada. Seu destino já se decidiu pela tragédia, sua personalidade o drena para o abismo. A partir deste ponto, se exhibe o conflito trágico do protagonista.

Peter Szondi, em *Ensaio sobre o trágico* (2004), aponta a seguinte definição de Goethe:

Para Goethe, é essencial que o conflito não se dê primordialmente entre o herói trágico e o mundo exterior[...]. Mas a dialética trágica mostra-se no próprio homem, em quem o dever e o querer tendem a se afastar e ameaçam romper a unidade de seu Eu. Certamente não é trágica a disparidade banal que se dá quando o homem não quer o que deve, ou quer o que não deve. **Trágica é a cegueira com que ele, ludibriado acerca da meta de seu dever, precisa querer o que não tem o direito de querer.** (SZONDI, 2004, p. 49, grifo nosso)

A tragicidade de uma obra se estabelece por um conflito irremediável. Além disso, Goethe afirma que o conflito trágico não se dá entre o herói trágico e o que está à sua volta, mas sim em seu interior. Não obstante, não basta um dilema entre querer e dever. Segundo Goethe, o herói trágico é o homem que tem como ideal algo que nunca poderá alcançar. O impossível e o desejado possuem a mesma origem, residem no mesmo objeto. E pela impossibilidade de abandonar tal ideal, o desfecho trágico é o único destino que lhe resta.

Apesar de seus esforços, Werther é incapaz de superar suas dores e reestabelecer a plenitude que o inundava no início do romance. Depois de conhecer e se aproximar de Lotte, sua felicidade foi condicionada à paixão, e nada que antes o tranquilizava agora surte efeito. Isto se torna ainda mais claro se compararmos a relação de Werther com a natureza ao longo da obra. Se na primeira parte, como já apontado, o contato com a natureza era o caminho para Deus e sua perfeição, ao longo da segunda parte as paisagens servem de espelho à sua gradual depressão, como se vê neste trecho: “Do mesmo modo como a natureza declara agora o outono, também dentro e em volta de mim o outono se manifesta. Minhas folhas amarelecem, e as folhas das árvores vizinhas já caíram.” (GOETHE, 2010, p.103).

Ao fim do romance, este contato revela todo o impulso imbatível e destrutivo que conduzirá o personagem a seu desfecho trágico.

O degelo chegou de repente. Disseram-me que o rio havia transbordado, que todos os riachos estavam cheios e que, de Wahlheim até aqui, todo o meu querido vale ficara inundado. Eram mais de onze horas quando saí de casa. Que espetáculo assombroso ver, do rochedo, ao luar, as torrentes furiosas invadindo campos, prados e cercados, e o grande vale formando um só mar sublevado, em meio ao rugir do vento. (GOETHE, 2010, p. 130)

Tudo a seu redor parece desfalecer. Depois de falhar em todas as tentativas de reencontrar seu lugar no mundo, Werther retorna a Wahlheim. No entanto, nem a presença de Lotte é capaz de tranquilizá-lo. A amizade entre os dois se mostra frágil, e Albert já não o trata com a mesma simpatia. Neste momento, o lirismo das epístolas assume o máximo de importância para a imersão do leitor nos sentimentos turbulentos do personagem, apresentando maior variação entre o tamanho das cartas, assim como a aparição, com muito mais frequência, de bilhetes soltos e dispersos, e do uso de exclamações e reticências. Por exemplo, no dia 19 de outubro: “Ah! Esse vazio! Esse vazio terrível que sinto em meu coração! Penso muitas vezes: ‘Se eu pudesse uma vez, uma só vez, apertá-la de encontro ao meu peito, todo esse vazio seria preenchido’” (GOETHE, 2010, p.111); outro exemplo está na carta do dia 22 de novembro:

Não posso pedir: “Meu Deus, permita que ela seja minha!” e, contudo, muitas vezes parece-me que ela é minha. Também não posso pedir: “Meu Deus, dê ela para mim!”, porque ela pertence a outro; se não me detivesse, poderia fazer toda a ladainha de antíteses. (GOETHE, 2010, p. 116)

Werther tem sua única garantia de felicidade em Lotte, mas tal condição é inalcançável. Este é o problema que estabelece o personagem como um herói trágico, e à medida que nos aproximamos do final do livro, a constatação dessa tragicidade se torna cada vez mais óbvia, de modo que ao fim da segunda parte, quando alcançamos a “Nota ao Leitor”, o desfecho do protagonista não nos é uma surpresa. Isto porque não é o sobressalto que o faz trágico, mas a verificação de que, de fato, o destino de Werther é inalterável, pois a sua própria essência o conduziu a tal destino. Sua única fonte de realização de felicidade se encontra em Lotte, que se torna cada vez mais distante e impossível. Como diz Szondi: “Goethe reconhece como essencial ao trágico (...) o fato de que o conflito trágico não permite nenhuma solução” (SZONDI, 2004, p. 48). Uma carta datada de 3 de novembro de 1772 nos mostra Werther consciente da fonte de sua miséria:

Oh! Se eu fosse leviano, poderia culpar o tempo, uma outra pessoa, um empreendimento fracassado e, assim, o insuportável fardo do descontentamento não me pesaria tanto. Pobre de mim! Percebo muito bem que a culpa é toda minha: não a culpa, não! A verdadeira fonte de toda a minha desgraça está oculta em meu peito, a mesma fonte que outrora produzia toda a minha felicidade. (GOETHE, 2010, p. 113)

Neste trecho do livro, o editor nos aparece de forma mais direta, narrando tudo que aconteceu a Werther e Lotte antes do disparo. São-nos apresentados as cartas de despedida e alguns bilhetes e rascunhos de Werther, com fins de preencher qualquer lacuna deixada na história e informar os últimos instantes do herói, que seriam impossíveis de se saber apenas através de cartas.

Pelas últimas páginas, já sem controle nenhum sobre seus atos, Werther desobedece a um pedido de Lotte e vai até sua casa. Lá, sozinhos, entregam-se às emoções e choram com a leitura que ele faz dos cantos de Ossian - tudo isto é narrado pelo editor. E aqui ocorre a catarse da tragédia. Totalmente à mercê de suas emoções, Werther toma Lotte pelos braços e a beija impetuosamente, certo de que seus sentimentos eram correspondidos. Mas Lotte o afasta e se mostra furiosa, expulsando-o de casa.

Werther ultrapassa todos os limites de sua amizade com Lotte ao tê-la como único caminho para a felicidade, o que acaba por afastá-lo dela e destruir os laços entre os dois. Por causa do seu próprio gênio, a infelicidade se revela irremediável. Mas a opção pelo suicídio não se dá por tristeza ou covardia, muito menos por simples loucura ou frenesi. Werther demonstra convicção extrema em suas últimas horas de vida, certo de que não há alternativas diante de seu destino. O mundo nada mais tinha a lhe oferecer, senão dor. Vemos neste trecho da nota ao leitor:

Neste período, e sob tais circunstâncias, fez-se cada vez mais forte na alma de Werther a decisão de desertar da vida. Depois de seu reencontro com Lotte, tal resolução havia sempre representado seu último anseio e esperança; considerava, porém, que aquilo não devia ser uma ação súbita, precipitada. Queria fazê-lo com plena convicção, com determinação calma e serena. (GOETHE, 2010, p. 132)

O suicídio do personagem é decidido depois da constatação de que não há possibilidade de felicidade ou plenitude para Werther no mundo em que está. Não é uma mera fuga de dores ou desistência diante de um obstáculo comum. Nas palavras de Goethe:

A motivação fundamental de todas as situações trágicas é o ato de partir [*Abscheiden*], e nesse caso não é preciso nem veneno nem punhal, nem lança nem espada; também é uma variação do mesmo tema o ato de se separar de uma situação habitual, amada, correta, seja por causa de uma calamidade maior ou menor, seja por causa de uma violência sofrida, que pode ser mais ou menos odiosa. (GOETHE 1910, citado por SZONDI, 2004, p. 50)

3 O DESFECHO TRÁGICO

A tragédia não se limita ao fato do jovem tirar a própria vida; é na irredutível distância separando-o da felicidade que reside a tragédia de Werther; sua própria plenitude contém seu esgotamento. E tal separação não ocorre no momento em que a bala atinge o cérebro, e sim quando se confirma que a felicidade lhe é impossível, pois só viria da obtenção de algo que ele nunca poderia ter: o amor de Lotte. Assim que encontra o sublime, já percorre a estrada para o sofrimento.

Goethe pode considerar como motivação de todas as situações trágicas o ato de partir porque percebia a sua estrutura dialética. A despedida é unidade, cujo único tema é a divisão; é proximidade que só tem diante dos olhos a distância, que aspira pela distância, mesmo quando a odeia; é ligação consumada pela própria separação, sua morte, como partida. (SZONDI, 2004, p. 51).

Toda esta tragicidade não poderia ser alcançada sem a estruturação do romance em duas camadas. Werther, completamente imerso em seu destino, jamais poderia narrar a própria história, pois desde as primeiras epístolas já demonstra ser refém do inevitável. Temos em suas cartas o testemunho lírico de seus sentimentos mais profundos; no entanto, é graças ao editor ficcional que temos o protagonista como narrador, mesmo que inconsciente, de seu destino.

Para narrar algo são necessários a consciência e o distanciamento da história, rédeas que Werther jamais possuiria sobre si próprio. Se durante a primeira parte Werther demonstra estar completamente à mercê de seu destino, mesmo que – indiretamente – ocupasse a posição de narrador da própria história, o final do enredo é marcado por uma imersão ainda maior do protagonista em seu destino, logo que o editor passa a exercer a função de narrador. “Todo o trágico baseia-se em uma oposição irreconciliável [*unausgleichbar*]. Assim que surge ou se torna possível uma reconciliação [*Ausgleichung*], desaparece o trágico.” (GOETHE, 1910, citado por SZONDI, 2004, p. 48). A reconciliação não se faz possível, apesar das tentativas do personagem. Está fora da sua alçada qualquer esperança de salvação, pois sua própria essência causa a maldição. E todo o percurso gradual e inalterável de sua ruína é acompanhado por nós graças à mediação do editor, que garante o intermédio entre o leitor e Werther. Magnificamente orquestradas, as duas camadas narrativas complementam-se em um jogo que, assim, concebe o jovem Werther como um herói essencialmente romântico e irremediavelmente trágico.

ABSTRACT

This study analyses the narrative composition of the novel *The sorrows of young Werther*, by Goethe, with the aim of demonstrating the realization of the tragic effect throughout the book. *An essay on the tragic*, by Peter Szondi, was used as a theoretical basis - specifically the part which brings the formula of a tragedy created by Goethe himself. In this study the structure of the book is demonstrated in two layers. In addition to that, the key function of the novel's fictional editor, which ensures to the protagonist the role of the tragic hero.

Keywords: Tragic hero, fictional editor, epistolary novel, *Sturm und Drang*.

REFERÊNCIAS

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Tradução de Leonardo César Lack. São Paulo: Abril, 2010.

GOETHE, Johan Wolfgang von. *Goethes Werke, Propyläen-Ausgabe*. Org. Ernst Schukte-Strathaus. Munique: G. Muller, 1910, vol. 35, p.84 *apud* SZONDI, Peter.

ReVeLe - nº 5 - maio/2013

Ensaio sobre o trágico. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 48.

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 48-51.

TODOROV, Tzvetan. A crise romântica. In: _____. *Teorias do símbolo*. Campinas: Papyrus, 1996. p. 193-279.